

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

Coisas sabidas—Uma esper- teza de Cuco

Não ha um unico rapaz das nossas aldeias, e creio que das aldeias de todo o mundo, que não seja um feroz e en-
diabrado perseguidor das aves.

Mal satisfeitos ainda com o emprego do visco, do laço, dos castillões e outras mil variadas armadilhas que tem feito as delicias de todas as gerações da garotada, o terrivel rapazio esfarrapa as calças e desgraça as arvores para roubar ou destruir a criação d'essas tão indefezas como sympaticas victimas. Se o descobrir um ninho é, n'aquellas idades, um acontecimento feliz, saber de muitos é uma verdadeira riqueza.

Por isso espreita-se tudo pelos campos, pelos montados, as arvores, as minas, os silvados, os beiraeos dos telhados, os beiraeos dos muros e das cortes dos caminhos.

—Quantos ninhos tens tu, rapaz? pergunta-se a qualquer.

E elle começa o inventario, citando tenho, pelo menos, um de verdilhão com passarinhos, um de melro a formar, outro de pisco com passarinhos e outro de reijadinho.

E não sabem apenas os nomes de todas as aves, mas conhecem-lhe até, o canto, os costumes, a forma, côr, e o pintalgado dos ovos e o fabrico do ninho. Sobre tudo isto admiravelmente, aprendido por elles, pela sua experiencia, pelas suas admiraveis faculdades de analyse, que o exame directo da natureza lhes desenvolve hem mais proficua-
mente que as pseudo-lições de um abe-

lhudo professor de lyceu, para quem toda a sciencia consiste em saber de côr duas duzias de nomes derivados do grego ou do latim.

E não se pense que esses conhecimentos são feitos ou de uma aquisição menos difficil e delicada; alguns representam um trabalho de tão perspicaz investigação que só depois de longas e pacientes observações dos naturalistas é que a sciencia se tem vindo pouco a pouco a enriquecer com elles.

Lembro-me bem de uma lição interessante que, em creança, recebi de um companheiro na caça aos ninhos, junto de um que nós tinhamos encontrado entre uns pés de tojo, fabricado n'uma covasita aberta no terreno. Eu ficara intrigado. Dentro de um ninho pequeno tentava accommodar-se, corpo meio de fóra, um passarote quasi nu ainda, mas com um tamanho desproporcional para a sua acanhada habitação.

Vês isto? disse-me o amigo, é um cuco.

Então o cuco, que é tamanho, faz um ninho tão pequeno? repliquei eu.

Não que isto não é ninho de cuco, meu tolo; o cuco não faz ninho.

O cuco não faz ninho, já t'o disse.

—Pois então se isso não é do cuco como é que este passaro é um cuco?

—Olha, o cuco é muito preguiçoso e não está para trabalhar e manter e criar os filhos. Por isso espreita os outros passaros que em vez de comerem sementes comem bichos como elle e, indo-lhes ao ninho, papa-lhes um ovo e põe lá outro. O dono do ninho choca os ovos e depois nasce um cucuzinho, que

é assim gerado como este. O passaro traz-lhe de comer pensando que é seu filho e elle por fim, assim que pôde voar, fuge-lhe.

Esta esperteza do cuco, observada e contada pelos rapazes de todas as aldeias é tão extraordinaria e curiosa que muitas pessoas a julgariam destituida de credito se observações rigorosas, realisadas por um distincto naturalista, lhe não dêsse inteira confirmação.

Com effeito, Jessuor, o abençoado descobridor da vaccina, da variola, verificou por uma serie de estudos não só que o cuco tinha o notavel costume de não chocar os ovos, mas tambem que elle praticava habitualmente a infamia de illudir o instincto paternal das outras aves para lhe criarem os filhos á custa de um trabalho que elle nem agradece nem remunera.

O instincto perverso do Cuco manifesta-se, porém, ainda quando no ninho que indevidamente occupa. Jessuor observou que, poucos dias depois de sahír do ovo, os primeiros cuidados da antipathica ave consistem em lançar para fóra d'elle os ovos ou os verdadeiros filhos dos proprietarios. Para isso serve-se das azas com as quaes os colloca intencionalmente sobre o dorso e d'onde, por um movimento brusco, os precipita para o exterior. O processo uniforme como o cuco executa este trabalho é verdadeiramente curioso. «A sua fôrma singular, diz o illustre sabio, presta-se, demais, a estas manobras; quando nasce tem o dorso muito largo, a partir das omoplatas, e é provido, no meio, de uma depressão consideravel que parece destinada pela natureza para roubar o ovo ou ave que trata de eliminar. Ao fim de doze dias esta cavidade desaparece e o dorso toma a fôrma commum á generalidade das aves novas. . .

E' talvez, no facto de uma conformação, que torna o cucosito tão apto a

pôr ás costas as pequenas toutinegras, que se encontra a explicação da escolha que a femea faz no ninho de uma tão pequena especie para lá depor os ovos; os pimpalhões de uma especie maior seriam provavelmente demasiado peza-dos para serem removidos, e o joven cuco não poderia, por tanto abarcar todo o ninho.»

Do *Jornal de Viagens.*

A segunda feira dos sapateiros

Os leitores sabem a razão porque vulgarmente se diz *segunda feira dos sapateiros*, e porque è que esta classe a guarda como se fosse dia santo?

Vão sabel-o se acaso o ignoram.

Uma revista franceza, *La Revue des traditions populaires*, insere uma lenda relativa aos motivos porque S. Chrispim, o patrono dos sapateiros, foi canonisado.

Como se sabe, S. Chrispim era sapateiro. Uma noite estando a trabalhar e tendo junto de si uma garrafa cheia de agua, notou que a luz da candeia, passando atravez do liquido se concentrava em um unico ponto extremamente luminoso. Lembrou-se então de collocar a obra que estava executando sob aquelle ponto e d'ahi em diante poude fazer os mais difficeis trabalhos de sapataria com a mesma perfeição como se fosse de dia.

Chrispim deu parte do seu descobrimento aos collegas do officio, que desde então seguiram o seu exemplo.

Foi em reconhecimento d'este serviço que os sapateiros solicitaram a canonisação de S. Chrispim, que adoptaram por patrono. Como reconhecimento tambem os sapateiros resolveram não trabalhar no dia da festa do santo, mas, como ignorassem quando caia esse dia, e só soubessem que fóra n'uma segun-

da-feira, decidiram não trabalhar n'aquelle dia, sendo desde então a segunda feira de folga para os sapateiros.

Ora ahí está a causa.

Superstições populares

Sonhar com laranjas é signal de gostos.

E' muito mau quando um doente parte algum objecto de louça, porque é signal de morte.

Para se saber se uma mulher grávida dará à luz um rapaz ou uma rapariga, faz-se uma bola de estopa e deita-se lhe o fogo sobre uma superficie, que seja horizontal.

Se depois da estopa arder, a cinza dá um tombo, é rapaz; se não dá, é rapariga.

Em todas as casas, no dia de Reis, se deve partir uma romã. Cada pessoa come alguns bagos para ter dinheiro todo anno; e a outra metade pendura-se com tres vintens dentro, para o anno seguinte.

As raparigas e os rapazes solteiros devem comer o canto do pão, para casarem cedo.

Não é bom deitar gallinhas quando faz trovoadas porque góram os ovos.

Quando uma creança chora dentro da barriga da mãe, é signal de que ha-de ser muito feliz, mas não ha-de a mãe dizer nada antes dos sete annos.

Passar um ovo quente, apenas acaba de ser posto, pelos olhos, tem a virtude de aclarar a vista.

E' muito mau engommar uma fralda ou outra qualquer peça do enxoval de

uma creança, quando está ourinada, porque a creança secca e mirra-se.

Quando uma creança está deitada no chão e alguém passa por cima d'ella, fica *enquiçada* e não cresce mais. Para que se *desenguiçe*, é necessario que a mesma pessoa que passar por cima d'ella a primeira vez, passe segunda em sentido inverso.

*

A mulher grávida que dêr algum ponto em cousa que tenha vestida não deita as secundinas.

*

Quando uma pessoa espirra, já não morre em esse dia.

*

A primeira vez que se come de uma fructa no anno, e antes de se provar, deve pedir-se uma cousa que se deseje, porque se realisa.

Em quinta feira da Ascensão, do meio dia a uma hora, vão os passaros para o ninho, em signal de adoração ao Senhor.

Seccar o enxoval de uma creança, quando está ourinado, ao sol, faz secar a creança.

Quando apparece um cometa no céu, é signal de morte de pessoa real.

Quem em dia de S. Miguel apanhar fructa, pôde guardal-a todo o anno, que se não estraga.

Quando arde a orelha esquerda a uma pessoa é signal que estão a dizer mal d'ella, e para evitar que continuem, deve deitar-se um punhado de sal ao lume e fugir logo para o não ouvir estalar. As pessoas que não estiverem ao pé da que estiver a dizer mal, à medida que o sal fôr estalando, vão fugindo sem dar attenção ao que diz a maldi-

zente.

Quando se deíta cabello fóra, deve cuspir-se n'elle tres vezes e fazer-lhe uma cruz por cima dizendo: em louvor do Santissimo nome de Jesus, eu te abenço, meu cabelo, para que não te empeça mal nenhum.

No Minho, quem tem verrugas e quer ficar livre d'ellas bate á porta de algum desconhecido ou pouco affeigoad, e, ao perguntarem-lhe quem é, responde:

Verrugas trago,
Verrugas vendo;
Aqui as deixo
E vou correndo.

E, sem esperar, foge, se não leva pancada do dono da casa, que ficou com as verrugas.

Um cabelo deitado em agua transforma-se em uma cobra, e á medida que a cobra vae crescendo vae-se mirrando a pessoa a quem o cabelo pertence.

Quem nasce em anno bissexto não é atacado de bexigas.

Quando chove no dia quinze de agosto, toda a azeitona se faz gafa.

Se a uma vacca ou cabra lhe foge o leite, para que volte, deve atar-se-lhe uma corda a uma orelha e a outra extremidade da mesma corda a um pé.

Não se deve queimar um ramo de figueira em uma casa onde se está creando uma creança, porque sêcca o leite á mãe e a creança fica *enguiçada*.

*
Para sabermos se seremos felizes em uma casa devemos contar as taboas do tecto, dizendo oiro, prata, cobre, na-

da, e assim por diante até chegar á ultima; o nome que a esta couber designará a nossa fortuna.

Origem de varias locuções adagios e anexins

Gato escaldado d'agua fria tem medo

Dá-se como origem d'este annexim a seguinte velha anedocta:

«Um padre muito amigo de gatos, tinha por costume rodear-se d'elles á sua pequena meza de jantar e dar-lhes de comer, de maneira que as sobras eram bem poucas para o pobre do sacristão que o servia; tambem usava o bom do padre aspergir de agua benta as comidas, participando os gatos da aspensão.

Um dia em que o padre teve de ir prègar a uma freguezia proxima, ficou o criado sacristão em casa, e antes de ir para a meza de jantar, mergulhou o hyssope em agua a ferver, e esperou os gatos. Vieram elles logo que lhes deu o cheiro da comida e o criado aspergiu-os então fortemente, a valer fugindo em debandada toda a gataria.

No dia seguinte, quando o padre se dispóz a jantar, vieram os gatos rodeal-o, mas assim que o viram pegar no hyssope, pernas para que te quero! Saltam por cima da mesa, a fugir, quebrando pratos, terrinas, e fazendo um estardalhaço de mil diabos!

Espantado, o padre pergunta ao criado a razão do caso:

— Meu senhor, disse elle, — *è que gato escaldado d'agua fria tem medo*».